

ESPANANDO A POEIRA DO PASSADO EM UM MUSEU DE FAVELA

José Augusto de Paula Pinto¹

RESUMO

Através de um resumo histórico do MUQUIFU e após dissertar sobre algumas de suas exposições, intentamos caminhar pela vastidão da diversidade dos patrimônios locais e periféricos, demonstrando que um museu de favela deve ser sempre inclusivo, onde congadas, reinados, domésticas, pedreiros, indígenas e, fundamentalmente, as mulheres têm voz e poder, com muita memória a ser preservada, sejam do passado ou do momento atual.

*

O presente texto será a representação dos novos museus surgidos nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos de 1970, ou seja, será um texto que não caminhará em uma linha reta, com movimentos ora em direção ao ensaio, ora como um relato de experiência, e sempre como um processo, caminhando, procurando caminhos e respostas, enfrentando trilhas que se dividem e se cruzam, se ramificam em várias direções.

Hugues de Varine, em seu texto “O museu comunitário é herético?”, nos auxilia sempre na construção de pensamentos relacionados ao estágio atual dos conceitos e da importância dos museus comunitários.

“O novo museu e mais ainda o museu comunitário, na sua forma mais inovadora, não segue um procedimento, mas, como já se viu, ele é um processo. Seu objetivo não é a instituição nem uma inauguração; ele é a co-construção, na comunidade e sobre seu território pelos membros da comunidade e as pessoas mais ou menos qualificadas que os ajudam, de um instrumento de desenvolvimento a partir de um patrimônio global identificado por seus detentores.” (VARINE, 2005, p.09)

¹ José Augusto de Paula Pinto, e-mail: japp2009@gmail.com. Graduado em Museologia pela UFMG em 2014, Mestrando em Artes, Urbanidade e Sustentabilidade pela UFSJ. Museólogo no Museu de Quilombos e Favelas Urbanas-MUQUIFU, em Belo Horizonte, desde 2014.

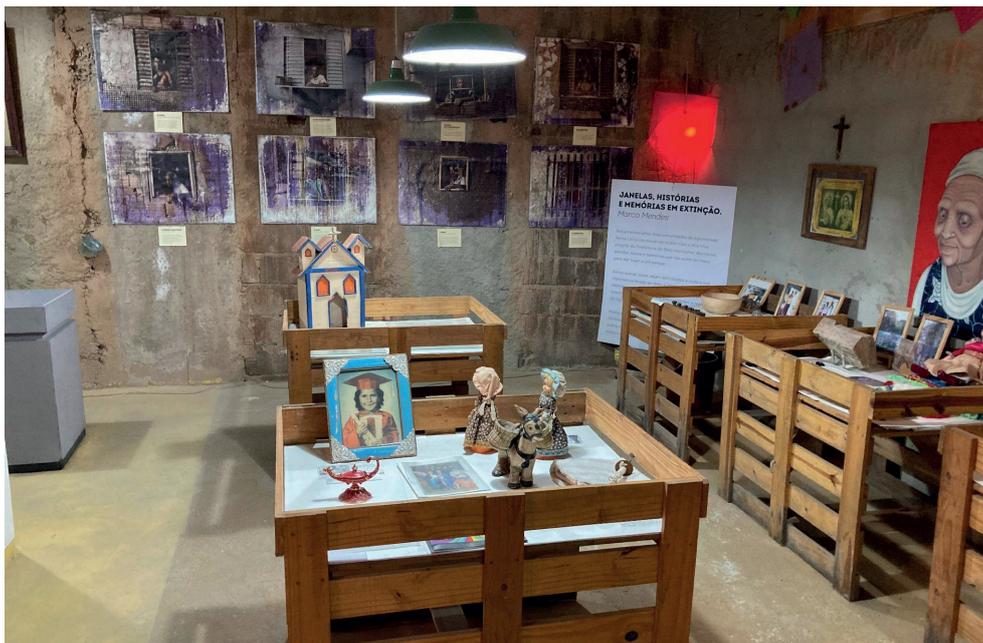
O Museu dos Quilombos e Favelas urbanos-MUQUIFU, como deveriam ser todos os museus comunitários, de território ou de favela, somente tornou-se uma realidade porque, antes de sua abertura oficial em 20 de novembro de 2012, um grupo de moradores do Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, reuniu-se na intenção de resgatar e preservar as memórias desse aglomerado de vilas.

A partir de reuniões de alguns moradores, atividades foram criadas, jornais e documentos pesquisados, memórias revividas. Destas ações surge o anseio e necessidade da criação de um espaço de memória. Sem sermos prolixos com a história, simplificaremos ao dizer que o Muquifu, assim, surge na urgência de se preservar objetos e histórias dos moradores, que seriam “obrigados” a deixar suas residências em duas vilas, recebendo apartamentos a serem construídos, ou uma indenização pecuniária para adquirirem outro local de moradia. Retornando da Itália, após terminar uma graduação em defesa e preservação do patrimônio histórico, o Pároco da Paróquia local, Padre Mauro Luís da Silva, coloca o projeto Muquifu em andamento, possibilitando a sua inauguração há quase dez anos.

Figura 1 - Foto Morro do Papagaio com novos “predinhos”.



Fonte: Acervo próprio, 2022.

Figura 2 – Foto sala de exposições no Muquifu.

Fonte: Acervo próprio, 2022.

Os museus, sejam os mais tradicionais, sejam os novos museus comunitários, são lugares de preservação da cultura e, a noção de cultura não deve passar pelo indivíduo, ser único e irreproduzível, mas sim pelo grupo do qual ele participa socialmente, já que surge a partir da necessidade humana da não-unicidade, do compartilhamento, do distribuir e “contar” conhecimento entre seus pares. Aí nos debruçamos sobre uma montanha e vemos a cultura seguir adiante sempre, nunca apagada, mas dinâmica, em movimento, renovando e sendo renovada, retratando e sendo retratada. Cultura é conhecimento sempre. Cultura são valores agregados e distribuídos em novos formatos. Cultura é a junção de experiências com o intuito empírico do conhecer, evoluir, politizar, compartilhar, agregando e distribuindo saber, no mesmo formato ou em formatação revitalizada, mas mantendo o cerne que a conduziu até aquele patamar. Museus possuem um conteúdo sempre: cultura e suas memórias, com o dever de identificá-las, preservando e comunicando, seja através de suas exposições, redes sociais, documentos, seminários, publicações.

O tema cultura é complexo e dele temos as mais diversas conceituações e opiniões. No momento interessa a diversidade imbuída neles, assim como a infinita localização do meio ambiente, espaço, e das pessoas, que, ao conviverem e trocarem experiência, “criam” cultura. Ao

mesmo tempo, interferem no seu local de moradia e entorno. Museus são, por excelência, locais onde se vive, explora e distribui cultura. E os museus comunitários, e a Museologia do século XXI, não importa a sua classificação, são de território e sociais; saem dos limites de sua sede e comunicam-se com os espaços vizinhos e as pessoas que ali vivem. Os museus atuais, antigos ou novos, com cinco, vinte ou duzentos anos, voltam-se necessariamente para o tempo atual, vivendo o presente e sempre preservando o que de importante já ocorreu.

Arte, liberdade, sustentabilidade, criatividade, respeito, expressar sincero, afetar e ser afetado, e o afeto enquanto “simples afeto”, são algumas das palavras e expressões que permeiam o inusitado, novo, atual estágio da Museologia Social, do Afeto, no Brasil. O invisível e não palpável do patrimônio das comunidades, alijadas do direito à memória, e jogadas no limbo do esquecimento, assim como os objetos materiais e sempre tocáveis, por desejo dos seus donos, merecem a honra do lugar mais alto do pódio, sempre. São eles os verdadeiros e merecedores de serem chamados e homenageados como heróis do museu. Sem medo do afeto, de afetar ou ser afetado. Inúmeras são as possibilidades e caminhos que se vislumbram, sempre com muita diversidade humana, comunidades periféricas, e faz-se quase desnecessário citar com nenhum preconceito religioso, de gênero ou quaisquer outros. Museus como o Muquifu são inclusivos naturalmente.

Figura 3 – Foto Exposição “Uma Rainha na Favela” no Muquifu.



Fonte: Acervo próprio, 2022

Figura 4 – Foto Exposição “Doméstica: da escravidão à extinção” no Muquifu

Fonte: Acervo próprio, 2015

Desde sua inauguração, o Muquifu primou pelo intuito do social comunitário, com a melhoria da vida e o sentimento de pertencimento de seus moradores à história da cidade. A Carta do Rio – Museologia com Afeto, produzida no Rio de Janeiro, em 2013, durante encontro do Movimento Internacional pela Nova Museologia – MINON, afirma que o propósito futuro deveria ser:

“Dar relevo à atuação dos museus sociais, dos museus comunitários, dos ecomuseus, dos museus de favela, dos museus de território, dos museus de percurso e dos espaços museais. Todas essas organizações tiram e põem, fazem e desfazem suas memórias, sentimentos, ideias, sonhos e ansiedades, tensões, medos, e vivem sua própria realidade, sem pedir permissão às autoridades estabelecidas.” (MINON, 2013)

O Muquifu, desde antes de sua abertura oficial, em novembro de 2012, é um museu das imaterialidades, das relações, das histórias e memórias de vida, da não permanência, do não sacralizado. Um museu vivo sempre! Inaugurado com uma exposição sobre os pequenos quartos de domésticas nas residências e apartamentos, em um diorama perfeito (foto acima), já trazia em seu bojo o espírito do incomum, da diversidade, do afeto, do respeito e da participação intensa da comunidade nas decisões, do próprio espaço e do seu caminhar em direção a um futuro promissor.

O Muquifu coloca-se para o Aglomerado Santa Lúcia/Morro do Papagaio, e para a cidade, como um museu não templo. O não ser templo imprime ao mesmo a sua face mais clara, a de museu integrado

à comunidade, onde importa a ressonância que ali se edifica, com os moradores de seu entorno e com a participação desses mesmos moradores, gradualmente, de forma continuada, nas decisões e nas ações do Museu. A noção de um espaço comunitário, e de território, é neste ponto edificada, visto encaminhar-se o Muquifu para assumir variadas ações culturais na comunidade, que em muitos pontos depende de negociações, conversas, dedicação e vontade dos moradores e diversos atores sociais naquele espaço periférico.

Para encerrar estas reflexões faz-se necessário não deixar de citar que a transmissão de conhecimento, o deleite e a fruição têm-se apresentado com intensa transversalidade, onde pontos diversos se tocam, criando conexões que emocionam, seja no contar de uma história ou no simples ato de doar algo sempre muito precioso, mas que agora se compreende, continuará por tempo não determinado a fazer parte da história da comunidade. Instituições como o Muquifu já se faziam necessárias e desejadas (mesmo que de forma inconsciente) pelas comunidades, e o caminho escolhido por espaços museais comunitários e territoriais é acertado e se infla de grandes possibilidades, presentes e futuras; como repositórios dos grupos de favelados e “quilombolas” que, separados das áreas tradicionais do espaço urbano, resistiram na luta cotidiana e agora, que se inserem na vida econômica da cidade, reivindicam a sua inserção nos espaços de memória destas mesmas cidades.

REFERÊNCIAS

BRUNO, Cristina. **Generosidade e Acessibilidade:** A Contribuição da Metodologia Museológica na Construção da Noção de Pertencimento. ABREMC. Disponível online, acessado em 21 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/artigos2.asp?id=17>>

CHAGAS, Mário. **Educação, museu e patrimônio:** tensão, devoração e adjetivação. Patrimônio – Revista Eletrônica do IPHAN. Brasília, 2010. Disponível online, acessado em 11 de dezembro de 2013.

COUTO, Mia. **Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra.** São Paulo. Companhia das Letras, 2003.

ICOM 2013. Minon, Declaração do Rio - **“Museologia do Afeto”**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://ecomuseus.wordpress.com/minom-conferencias-internacionais/declaracao-do-rio-2013-museologia-do-afeto/>>

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único ao pensamento universal. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VARINE, Hugues de. **O museu comunitário é herético?** ABREMC, 2005. Disponível online, acessado em 11 de dezembro de 2013. Disponível em: <<http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=9>>